

Isaac Asimov

SEGUNDA
FUNDAÇÃO

Tradução
Marcelo Barbão

1ª Reimpressão



Copyright © the Estate of Isaac Asimov, 1951, 1979
Copyright © Aleph, 2009
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

TÍTULO ORIGINAL: Second Foundation
CAPA E ILUSTRAÇÕES: Delfin
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Carlos Orsi
REVISÃO: Hebe Ester Lucas
PROJETO GRÁFICO: RS2 Comunicação
EDITORIAÇÃO: RS2 Comunicação
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Delfin
DIRETOR EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzi

Revisado conforme novo acordo ortográfico da língua portuguesa

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Publicado mediante acordo com The Doubleday Broadway Publishing Group, uma divisão da Random House, Inc.

ALEPH PUBLICAÇÕES E ASSESSORIA PEDAGÓGICA LTDA.
Rua Dr. Luiz Migliano, 1110 – Cj. 301
05711-900 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
Fax: [55 11] 3743-3263
www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Asimov, Isaac, 1920-1992
Segunda fundação / Isaac Asimov ; tradução Marcelo Barbão – São Paulo : Aleph, 2009.

Título original: Second foundation.
ISBN 978-85-7657-068-4

1. Ficção científica norte-americana.
I. Título.

08-10789

CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876
1ª Reimpressão
2009

Prólogo

O Primeiro Império Galáctico durou dezenas de milhares de anos. Ele incluiu todos os planetas da Galáxia em um domínio centralizado, às vezes tirânico, às vezes benevolente, sempre disciplinado. Os seres humanos tinham esquecido que poderia existir qualquer outra forma de existência.

Todos, menos Hari Seldon.

Hari Seldon foi o último grande cientista do Primeiro Império. Foi ele quem desenvolveu completamente a ciência da psico-história, que pode ser considerada a quintessência da sociologia; era a ciência do comportamento humano reduzido a equações matemáticas.

O ser humano individual é imprevisível, mas as reações das multidões humanas, descobriu Seldon, poderiam ser tratadas estatisticamente. Quanto maior a multidão, maior a precisão que poderia ser atingida. E o tamanho das massas humanas com as quais Seldon trabalhava era nada menos que a população da Galáxia que, no tempo dele, era contada em quintilhões.

Foi Seldon, então, quem previu, contra todo o bom senso e as crenças populares, que o brilhante Império que parecia tão forte estava em um estado de decadência irremediável e declínio. Ele previu (ou resolveu suas equações e interpretou seus símbolos, o que dá no mesmo) que, sem nenhuma intervenção, a Galáxia passaria por um período de 30 mil anos de miséria e anarquia, antes do surgimento de um novo governo unificado.

Ele começou a tentar remediar a situação, criando um conjunto de condições que restauraria a paz e a civilização em apenas mil anos. Cuidadosamente, criou duas colônias de cientistas que chamou de “Fundações”. Deliberadamente, ele as criou “em extremos opostos da Galáxia”. Uma Fundação foi criada abertamente, com toda a publicidade. A existência da outra, a Segunda Fundação, foi mergulhada em silêncio.

Em *Fundação e Fundação e Império*, vimos os três primeiros séculos da história da Primeira Fundação. Ela começou como uma pequena comunidade de Enciclopedistas, perdida no vazio da periferia externa da Galáxia. Periodicamente, enfrentava crises nas quais as variáveis das relações humanas, das correntes sociais e econômicas da época se

fechavam sobre ela. Sua liberdade de movimento se restringia a uma só linha e, quando ela caminhava naquela direção, um novo horizonte de desenvolvimento se abria. Tudo tinha sido planejado por Hari Seldon, há muito tempo falecido.

A Primeira Fundação, com sua ciência superior, dominou os planetas bárbaros que a rodeavam. Ela enfrentou os anárquicos senhores da guerra que haviam se separado do Império moribundo, e os derrotou. Enfrentou os vestígios do próprio Império, sob o domínio do último imperador forte e seu último general forte, e os derrotou.

Então precisou enfrentar algo que Hari Seldon não conseguiu prever, o impressionante poder de um único ser humano, um mutante. A criatura conhecida como o Mulo nascera com a capacidade de moldar as emoções dos homens e configurar suas mentes. Seus piores oponentes se transformavam nos servos mais devotados. Exércitos não poderiam, não *iriam* lutar contra ele. Perante o Mulo, a Primeira Fundação caiu e os planos de Seldon ficaram parcialmente em ruínas.

Restava a misteriosa Segunda Fundação, o objetivo de todas as buscas. O Mulo deve encontrá-la para completar sua conquista da Galáxia. Os fiéis do que sobrara da Primeira Fundação devem encontrá-la por uma razão bem diferente. Mas onde está? Isso, ninguém sabe.

Esta, então, é a história da busca pela Segunda Fundação!

Parte 1

A busca do Mulo

O Mulo... Foi depois da queda da Primeira Fundação que os aspectos construtivos do regime do Mulo ganharam forma. Depois do desmoronamento definitivo do primeiro Império Galáctico, foi ele quem primeiro apresentou à história um volume unificado de espaço de alcance verdadeiramente imperial. O império comercial anterior, da Fundação derrotada, havia sido diverso e pouco centralizado, apesar do apoio impalpável das previsões da psico-história. Não pode ser comparado com a “União dos Mundos” rigidamente controlada sob o Mulo, principalmente durante a era da chamada Busca...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA¹

¹ Todas as citações da Enciclopédia Galáctica aqui reproduzidas foram retiradas da 116ª edição, publicada em 1.020 E.F. pela Companhia Editora ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA Ltda., Terminus, com permissão dos editores.

1.

Dois homens e o Mulo

A Enciclopédia tem muito mais a falar sobre o Mulo e seu império, mas quase nada está vinculado à questão imediata, e a maior parte é consideravelmente seca demais para nossos propósitos, de qualquer forma. Principalmente, o verbete se ocupa, nesse momento, com as condições econômicas que levaram à ascensão do “Primeiro Cidadão da União” – o título oficial do Mulo – e com as consequências econômicas daí resultantes.

Se, em qualquer momento, o redator do verbete ficou ligeiramente espantado com a colossal velocidade com que o Mulo foi do nada a seu vasto domínio em cinco anos, ele dissimula muito bem. Se ficou ainda mais surpreso com a repentina parada no processo de expansão, em favor de uma consolidação dos territórios por cinco anos, esconde o fato.

Nós, portanto, abandonamos a Enciclopédia e continuamos em nosso próprio caminho, atrás de nossos próprios propósitos, e retomamos a história do Grande Interregno – entre o Primeiro e o Segundo Impérios Galácticos – no final dos cinco anos de consolidação.

Politicamente, a União está calma. Economicamente, é próspera. Poucos prefeririam trocar a paz do pulso firme do Mulo pelo caos que o precedera. Nos mundos que, cinco anos antes, haviam conhecido Fundação, poderia haver um pesar nostálgico, mas não mais. Os líderes da Fundação estavam mortos, se eram inúteis; e convertidos, se fossem úteis.

E, entre os convertidos, o mais útil de todos era Han Pritcher, agora tenente-general.

Nos dias da Fundação, Han Pritcher tinha sido capitão e membro da Oposição Democrática clandestina. Quando a Fundação caiu sem luta frente ao Mulo, Pritcher guerreou contra ele. Quer dizer, até ser convertido.

A conversão não era o processo normal, provocado pela força de um argumento superior. Han Pritcher sabia disso muito bem. Ele tinha sido mudado porque o Mulo era um mutante com poderes mentais, capaz de alterar os

seres humanos normais da forma que lhe fosse mais conveniente. Mas isso o satisfazia completamente. Era assim que deveria ser. O próprio contentamento com a conversão era um sintoma importante, mas Han Pritcher já nem sentia curiosidade a respeito.

E agora que estava voltando de sua quinta grande expedição à vastidão da Galáxia externa à União, era algo que se aproximava de uma alegria ingênua que o veterano piloto espacial e agente da Inteligência considerava sua futura audiência com o “Primeiro Cidadão”. Seu rosto duro, que parecia entalhado em madeira escura e maciça, incapaz de sorrir sem quebrar, não mostrava – mas as indicações externas eram desnecessárias. O Mulo conseguia ver as emoções internas, até a menor, da mesma forma como um homem comum conseguiria ver o movimento de uma sobrancelha.

Pritcher deixou seu carro aéreo nos antigos hangares dos vice-reis e entrou no palácio a pé, como era exigido. Ele caminhou um quilômetro e meio pela estrada sinalizada com setas – que estava vazia e silenciosa. Pritcher sabia que, nos vários quilômetros quadrados do terreno do palácio, não havia nenhum guarda, nenhum soldado, nenhum homem armado.

O Mulo não precisava de proteção.

O Mulo era seu próprio protetor, o melhor e mais poderoso.

Os passos de Pritcher soavam macios em seus ouvidos, com o palácio brilhando, suas paredes metálicas incrivelmente leves e incrivelmente fortes à sua frente, nos arcos atrevidos, pretensiosos e quase agitados que caracterizavam a arquitetura do império morto. Ele se erguia, poderoso, sobre o terreno vazio, sobre a cidade cheia de gente no horizonte.

Dentro do palácio estava aquele homem – sozinho – de cujos atributos mentais inumanos dependiam a nova aristocracia e toda a estrutura da União.

A enorme porta lisa abriu-se com a aproximação do general e ele entrou. Deu um passo na rampa ampla e vasta que se movia, para cima, debaixo de seus pés. Ele ascendeu rapidamente pelo elevador silencioso. Parou em frente à porta simples do quarto do Mulo, no ponto mais alto e brilhante das torres do palácio.

A porta se abriu.

Bail Channis era jovem e não era um convertido. Quer dizer, em linguagem simples, que sua estrutura emocional não tinha sido desajustada pelo Mulo.

Permanecia exatamente como tinha sido formada pela hereditariedade original e pelas subsequentes modificações do ambiente. E isso o deixava bastante satisfeito, também.

Sem ter chegado aos trinta anos, ele era muito bem-visto na capital. Era bonito e tinha um senso de humor afiado – portanto, bem-sucedido na sociedade. Era inteligente e dono de si – assim, fazia sucesso com o Mulo. E estava feliz com os dois sucessos.

E agora, pela primeira vez, o Mulo o convocara para uma audiência pessoal.

Suas pernas o carregaram pela estrada longa e brilhante que levava às torres de alumínio que já tinham sido a residência do vice-rei de Kalgan, que governava em nome dos últimos imperadores; depois, tinha sido a residência dos príncipes independentes de Kalgan, que haviam governado em nome de si mesmos; e agora era a residência do Primeiro Cidadão da União, que governava todo um império só seu.

Channis cantarolou baixinho. Ele não tinha dúvidas sobre o que era a reunião. A Segunda Fundação, naturalmente! O fantasma que estava em toda parte, cuja mera consideração tinha levado o Mulo a trocar sua política de expansão ilimitada por uma de cautela estática. O termo oficial era “consolidação”.

Agora havia rumores – é impossível impedir os rumores. O Mulo ia voltar à ofensiva. O Mulo tinha descoberto a localização da Segunda Fundação e iria atacar. O Mulo tinha chegado a um acordo com a Segunda Fundação e dividido a Galáxia. O Mulo tinha decidido que a Segunda Fundação não existia, e iria tomar toda a Galáxia.

Não é necessário listar todas as versões que se ouvia nas antessalas. Não era nem a primeira vez que esses rumores circulavam. Mas agora eles pareciam ter mais consistência, e todas as almas livres e expansivas que vibravam com a guerra, as aventuras militares e o caos político, que pareciam murchar em tempos de estabilidade e paz estagnada, estavam radiantes.

Bail Channis era um desses. Ele não temia a misteriosa Segunda Fundação. Aliás, não temia o Mulo e gabava-se. Alguns, talvez, que desaprovavam uma pessoa ao mesmo tempo tão jovem e tão bem de vida, esperavam secretamente pelo acerto de contas com o alegre mulherengo que empregava abertamente seu humor afiado às custas da aparência física e da vida

isolada do Mulo. Ninguém ousava acompanhá-lo em suas piadas e poucos ousavam rir, mas quando nada aconteceu com ele, sua reputação cresceu de acordo. Channis estava improvisando palavras para a melodia que cantarolava. Palavras sem sentido com um refrão recorrente: “Segunda Fundação ameaça a Nação e toda a Criação”.

Ele estava no palácio.

A enorme porta lisa se abriu quando ele se aproximou, permitindo sua entrada. O rapaz começou a caminhar na rampa que subia embaixo de seus pés. Ascendeu rapidamente pelo elevador silencioso. Parou na frente da pequena porta simples dos aposentos do Mulo, no ponto mais alto e brilhante das torres do palácio.

Ela se abriu...

O homem que não tinha outro nome a não ser Mulo e nenhum título a não ser Primeiro Cidadão olhava, através das paredes que eram como espelhos de face única, para a cidade brilhante e nobre no horizonte.

No fim de tarde, as estrelas surgiam e não havia nenhuma que não devesse obediência.

Ele sorriu com uma amargura fugaz, perante o pensamento. Elas deviam obediência a uma personalidade que poucos haviam visto.

Ele não era um homem para ser contemplado, o Mulo – não era um homem para ser contemplado sem desdém. Pouco mais de 50 quilos esticados em 1,70 m. Seus membros eram como pequenos caules ossudos que saíam de seu corpo esquelético em ângulos pouco graciosos. E seu rosto magro estava quase tomado pela proeminência de um bico carnudo que se projetava, chegando a sete centímetros.

Somente seus olhos desmentiam a comédia geral que era o Mulo. Na suavidade – algo estranho de se encontrar no maior conquistador da Galáxia – de seus olhos, a tristeza nunca estava de todo apagada.

Na cidade, encontrava-se toda a alegria de uma capital luxuosa de um mundo luxuoso. Ele poderia ter estabelecido sua capital na Fundação, o mais forte entre todos os seus inimigos conquistados, mas ela estava muito longe, na borda da Galáxia. Kalgan, mais centralmente localizada, com uma longa tradição de parque de diversões da aristocracia, servia melhor – estrategicamente.

Mas, em sua tradicional alegria, aumentada por uma prosperidade nunca antes vista, ele não encontrava paz.

Eles o temiam, obedeciam e, talvez, até respeitassem – de uma boa distância. Mas quem poderia olhar para ele sem desdém? Somente os que tinham sido convertidos. E de que valia essa lealdade artificial? Não tinha sabor. Ele poderia ter adotado títulos, imposto um ritual e inventado elaborações, mas mesmo isso não teria mudado nada. Melhor – ou menos pior – ser simplesmente o Primeiro Cidadão – e se esconder.

Houve uma repentina onda de rebelião dentro dele – forte e brutal. Nenhuma porção da Galáxia deveria ser negada a ele. Por cinco anos, permanecera silencioso e enterrado aqui em Kalgan por causa da ameaça eterna, mística, espalhada pelo espaço da nunca vista, nunca ouvida, nunca conhecida Segunda Fundação. Ele tinha trinta e dois anos. Não era velho – mas se sentia velho. Seu corpo, quaisquer que fossem seus poderes mentais mutantes, era fisicamente fraco.

Todas as estrelas! Todas as estrelas que ele podia ver – e todas as estrelas que não conseguia ver. Tudo deve ser dele!

Vingança contra todos. Contra uma humanidade da qual não fazia parte. Contra uma Galáxia onde não se encaixava.

O alarme de luz piscou. Ele conseguia seguir o progresso do homem que tinha entrado no palácio e, simultaneamente, como se o seu sentido mutante tivesse se ampliado e ficado mais sensível no crepúsculo solitário, sentiu uma onda de contentamento emocional tocar as fibras de seu cérebro.

Ele reconheceu a identidade sem esforço. Era Pritcher.

O capitão Pritcher da antiga Fundação. O capitão Pritcher que tinha sido ignorado e preterido pelos burocratas daquele governo decadente. O capitão Pritcher, cujo emprego como um espião menor ele havia eliminado e a quem tinha tirado da lama. O capitão Pritcher a quem tinha promovido primeiro para coronel e depois, general; cujas atividades ele havia levado a toda a Galáxia.

O agora general Pritcher que era completamente leal, apesar de ter sido um rebelde de ferro no início. E, mesmo assim, não era leal por causa dos benefícios ganhos, nem por gratidão, nem por justiça – mas era leal somente por causa dos artifícios da conversão.

O Mulo tinha consciência daquela forte camada superficial inalterável de lealdade e amor que coloria todos os redemoinhos e turbilhões da emotividade de Han Pritcher – a camada que ele mesmo tinha implantado há cinco anos. Bem mais embaixo estavam os traços originais da individualidade teimosa, impaciência com os governantes, idealismo – mas mesmo ele quase não conseguia mais detectá-los.

A porta se abriu e ele se virou. A transparência da parede dissolveu-se em opacidade e a luz púrpura do entardecer deu lugar ao brilho esbranquiçado da energia nuclear.

Han Pritcher sentou-se na cadeira indicada. Não era preciso se inclinar, ajoelhar, nem o uso de títulos em audiências privadas com o Mulo. Era simplesmente o “Primeiro Cidadão”. Deveria ser tratado por “senhor”. Qualquer um pode se sentar na sua presença e até dar as costas a ele, se fosse o caso.

Para Han Pritcher essas eram todas evidências do poder seguro e confiante do homem. Ele ficava bastante satisfeito com isso.

O Mulo falou:

– Seu relatório final chegou ontem. Não posso negar que o achei de certo modo deprimente, Pritcher.

As sobrancelhas do general se tocaram:

– Sim, imaginei... mas não vejo a que outras conclusões poderia chegar. Não existe nenhuma Segunda Fundação, senhor.

E o Mulo pensou e devagar começou a balançar a cabeça, como já tinha feito muitas vezes antes:

– Há a evidência de Ebling Mis. Sempre há a evidência de Ebling Mis.

Não era uma história nova. Pritcher falou sem reservas:

– Mis pode ter sido o maior psicólogo da Fundação, mas era um bebê se comparado a Hari Seldon. Quando investigou os trabalhos de Seldon, estava sob o estímulo artificial do seu controle cerebral. Você pode ter forçado demais. Ele poderia estar errado. Senhor, ele *deve* ter errado.

O Mulo suspirou, seu rosto lúgubre se projetou sobre o pescoço fino.

– Se ele tivesse vivido só mais um minuto. Estava a ponto de me dizer onde estava a Segunda Fundação. Ele *sabia*, estou dizendo. Não precisaria ter recuado. Não precisaria ter ficado esperando e esperando. Tanto tempo perdido. Cinco anos se passaram para nada.

Pritcher não poderia criticar o fraco anseio de seu governante; o controle mental o impedia. Ficou perturbado em vez disso; vagamente intranquilo. Ele falou:

– Mas qual explicação alternativa pode existir, senhor? Por cinco vezes, viajei. O senhor mesmo marcou as rotas. E não deixei de visitar nenhum asteroide. Foi há trezentos anos que Hari Seldon do antigo Império supostamente estabeleceu duas Fundações para agirem como os núcleos de um novo Império, que substituiria o antigo, moribundo. Cem anos depois de Seldon, a Primeira Fundação... a que conhecemos tão bem... era conhecida por toda a Periferia. Cento e cinquenta anos depois de Seldon... na época da última batalha com o antigo Império..., era conhecida por toda a Galáxia. E agora já se passaram trezentos anos... e onde estaria essa misteriosa Segunda? Em nenhum canto da Galáxia se ouviu falar dela.

– Ebling Mis disse que ela se mantinha secreta. Somente o segredo pode transformar sua fraqueza em força.

– Um segredo tão profundo como esse é impossível, se não estiver associado à inexistência.

O Mulo olhou para cima com seus grandes olhos cautelosos.

– Não. Ela *existe* – apontou com um dedo ossudo. – Vai haver uma pequena mudança de tática.

Pritcher franziu a testa.

– O senhor planeja viajar? Eu não recomendaria.

– Não, claro que não. Você terá de viajar novamente... mais uma vez. Mas com outra pessoa dividindo o comando.

Houve um silêncio e a voz de Pritcher saiu dura:

– Quem, senhor?

– Há um jovem aqui em Kalgan. Bail Channis.

– Nunca ouvi falar dele, senhor.

– Não, imaginei que não. Mas ele possui uma mente ágil, é ambicioso – e ele *não* é um convertido.

O longo queixo de Pritcher tremeu por um mero instante.

– Não vejo vantagem nisso.

– Há uma, Pritcher. Você é um homem empreendedor e experiente. Vem me prestando bons serviços. Mas é um convertido. Sua motivação é

simplesmente uma lealdade a mim que lhe foi imposta e contra a qual nada pode fazer. Quando perdeu sua motivação natural, perdeu algo, um impulso sutil, que eu não poderia repor.

– Não sinto isso, senhor – disse Pritcher, com uma voz desalentada. – Sinto-me tão bem como nos dias em que era seu inimigo. Não me sinto nem um pouco inferior.

– Claro que não – e a boca do Mulo se contorceu num sorriso. – Seu julgamento nessa questão dificilmente poderia ser considerado objetivo. Esse Channis, no entanto, é ambicioso.... para si mesmo. Ele é completamente de confiança... mas só para si mesmo. Sabe que precisa se agarrar a mim para crescer e faria qualquer coisa para aumentar meu poder, para que a viagem seja longa e o destino, cheio de glórias. Se ele for com você, haverá esse impulso extra por trás da busca *dele*... esse impulso egoísta.

– Então – falou Pritcher, ainda insistindo –, por que não remover minha própria conversão, se acha que isso irá me aperfeiçoar? Seria difícil desconfiar de mim a esta altura.

– Isso nunca, Pritcher. Enquanto você estiver perto o bastante para me tocar com as mãos, ou com um desintegrador, vai permanecer firmemente preso à conversão. Se eu o libertasse nesse minuto, no próximo estaria morto.

As narinas do general se dilataram:

– Fico ofendido que pense assim.

– Não quero ofendê-lo, mas é impossível para você perceber quais seriam seus sentimentos se eles pudessem se formar livremente, seguindo as linhas da sua motivação natural. A mente humana ressentido o controle. O hipnotizador humano normal não consegue hipnotizar uma pessoa contra sua vontade por essa razão. Eu consigo, porque não sou um hipnotizador e, acredite-me, Pritcher, o ressentimento que você não consegue expor e nem sabe que tem é algo que eu não gostaria de enfrentar.

Pritcher inclinou a cabeça. A futilidade o arrebatou e deixou abatido. Ele falou com esforço:

– Mas como o senhor pode confiar nesse homem? Quero dizer, completamente... como confia em mim, com minha conversão.

– Bom, eu acho que não posso. Não completamente. É por isso que você deve ir com ele. Veja, Pritcher – e o Mulo se afundou na grande poltrona na qual ele pare-

cia um palito animado –, se ele *encontrasse* a Segunda Fundação, *poderia* pensar que um acordo com eles seria mais lucrativo do que comigo... você entende?

Uma luz de satisfação brilhou nos olhos de Pritcher:

– Assim é melhor, senhor.

– Exatamente. Mas lembre-se, ele deve ter o máximo possível de liberdade.

– Certamente.

– E... hã... Pritcher. O jovem é bonito, agradável e extremamente charmoso. Não se deixe enganar. Ele tem um caráter perigoso e inescrupuloso. Não fique no caminho dele, a não ser que esteja preparado para enfrentá-lo. Isso é tudo.

O Mulo estava sozinho novamente. Deixou que as luzes morressem e a parede na sua frente se tornou transparente de novo. O céu agora estava roxo e a cidade era um borrão de luz no horizonte.

Para que tudo isso? E se ele *fosse* o mestre de tudo que existia – e daí? Isso realmente impediria homens como Pritcher de serem eretos e altos, autoconfiantes, fortes? Bail Channis perderia sua bela aparência? Ele próprio seria diferente?

Ele amaldiçoou suas dúvidas. O que procurava?

A luz de alarme começou a piscar. Ele podia seguir o progresso do homem que tinha entrado no palácio e, quase contra sua vontade, sentiu a doce onda de contentamento emocional tocando as fibras de seu cérebro.

Reconheceu a identidade sem esforço. Era Channis. Aqui o Mulo não viu nenhuma uniformidade, mas a diversidade primitiva de uma mente forte, intocada e que não fora moldada, exceto pelas múltiplas desorganizações do Universo. Ela se retorcia em fluxos e ondas. Havia um cuidado na superfície, uma camada fina, um efeito tranquilizador, mas com toques de humor cínico em pequenos redemoinhos. E, por baixo, havia uma forte corrente de auto-interesse e narcisismo, com um jorro de humor cruel aqui e ali; e um lago profundo e parado de ambição na base de tudo.

O Mulo sentiu que poderia alcançar e represar a corrente, arrancar o lago de seu leito e pô-lo em curso, secar um fluxo e começar outro. Mas, e daí? Se ele pudesse torcer a cabeça cacheada de Channis até chegar a uma profunda adoração, isso mudaria seu próprio aspecto grotesco, que o fazia repudiar o dia e adorar a noite, que o tornava um recluso dentro de um império que era incondicionalmente seu?

A porta se abriu e ele se virou. A transparência da parede deu lugar à opacidade, e a escuridão abriu caminho para o brilho artificial da energia nuclear.

Bail Channis sentou-se rápido e disse:

– Essa não é uma honra inesperada, senhor.

O Mulo coçou seu probóscide com todos os quatro dedos ao mesmo tempo e soou um pouco irritado em sua resposta:

– Por que, jovem?

– Um palpite, acho. A menos que eu queira admitir que estive ouvindo rumores.

– Rumores? A quais das várias dezenas de variedades você está se referindo?

– Àquelas que dizem que uma renovação da Ofensiva Galáctica está sendo planejada. É um desejo meu que isso seja verdade, e que eu possa desempenhar um papel apropriado.

– Então, você acha que *existe* uma Segunda Fundação?

– Por que não? Tornaria tudo tão mais interessante.

– E você acha isso interessante também?

– Certamente. O próprio mistério! Que melhor assunto poderia haver para especulações? Os suplementos dos jornais não trazem mais nada ultimamente... o que é, provavelmente, algo significativo. Um dos principais redatores do *Cosmos* criou uma história estranha sobre um mundo consistindo de seres de pura mente... a Segunda Fundação, veja você... que desenvolveu uma força mental a um nível de energia capaz de competir com qualquer ciência física conhecida. Espaçonaves poderiam ser destruídas a anos-luz de distância, planetas poderiam ser tirados de suas órbitas.

– Interessante. Sim. Mas *você* tem alguma noção do assunto? Acredita nessa noção de poder da mente?

– Pela Galáxia, não! Você acha que criaturas como essas ficariam em seu próprio planeta? Não, senhor. Acho que a Segunda Fundação permanece escondida porque é mais fraca do que pensamos.

– Nesse caso, posso me explicar bem facilmente. Você gostaria de encabeçar uma expedição para localizar a Segunda Fundação?

Por um momento, Channis pareceu pego numa repentina torrente de

eventos só um pouco mais rápida do que estava preparado para enfrentar. Sua língua ficou muda por um bom tempo.

O Mulo disse, secamente:

– E então?

Channis enrugou a testa:

– Certamente. Mas para onde vou? Você tem alguma informação disponível?

– O general Pritcher irá com você...

– Então eu *não* irei encabeçá-la?

– Julgue por si mesmo quando terminar. Ouça, você não é da Fundação. É um nativo de Kalgan, não? Sim. Bem, então, seu conhecimento do plano de Seldon pode ser vago. Quando o Primeiro Império Galáctico estava desmoronando, Hari Seldon e um grupo de psico-historiadores, analisando o curso futuro da história com ferramentas matemáticas não mais disponíveis nesses tempos degenerados, criou duas Fundações, uma em cada extremo da Galáxia, de tal forma que as forças econômicas e sociológicas que evoluíam lentamente fariam com que elas servissem como focos para o Segundo Império. Hari Seldon fez planos para conseguir isso em mil anos... e teria demorado 30 mil sem as Fundações. Mas ele não podia contar *comigo*. Sou um mutante e imprevisível pela psico-história, que só pode lidar com as reações médias das massas. Você entende?

– Perfeitamente, senhor. Mas como eu me envolvo nisso?

– Você vai entender logo. Pretendo unir toda a Galáxia agora... e cumprir o objetivo de mil anos do Seldon em trezentos. Uma Fundação... o mundo das ciências exatas... ainda está florescendo, sob *mim*. Sob a prosperidade e ordem da União, as armas nucleares que eles desenvolveram são capazes de lidar com qualquer coisa na Galáxia... exceto, talvez, a Segunda Fundação. Então, devo saber mais sobre isso. O general Pritcher é um dos que tem a opinião definitiva de que ela não existe. Eu tenho certeza do contrário.

Channis falou delicadamente:

– Como o senhor sabe?

E as palavras do Mulo, de repente, transbordavam de indignação:

– Porque as mentes sob meu controle sofreram interferências. Delicadamente! Sutilmente! Mas não tão sutilmente que não pudesse perceber. E essas interferências estão aumentando e atingindo homens valiosos,

em momentos importantes. Você imagina por que uma certa descrição me manteve parado durante esses anos? Essa é a importância que você tem. O general Pritcher é o melhor homem que me restou, então não é mais seguro. É claro, não sabe disso. Mas *você* é um não-convertido e, assim, não é instantaneamente detectável como homem do Mulo. Você pode enganar a Segunda Fundação por mais tempo do que qualquer um dos meus homens... talvez só o suficiente. Entende?

– Hã-hã. Sim. Mas perdoe-me, senhor, se eu o questiono. Como esses seus homens são perturbados, para que eu possa detectar alguma mudança no general Pritcher, caso isso ocorra? Eles são desconvertidos? Eles se tornam desleais?

– Não. Eu falei que era algo sutil. É mais perturbador do que isso, porque é mais difícil de detectar e às vezes eu preciso esperar antes de agir, sem ter certeza se um homem importante está agindo normalmente de forma errática ou foi atacado. A lealdade deles permanece intacta, mas a iniciativa e a engenhosidade são apagadas. Sou deixado com uma pessoa perfeitamente normal, aparentemente, mas completamente inútil. No ano passado, seis passaram por isso. Seis dos meus melhores – levantou o canto da boca. – Eles estão responsáveis pelas bases de treinamento agora... e desejo muito que não tenham de enfrentar emergências nas quais precisem tomar decisões.

– Suponha, senhor... suponha que não foi a Segunda Fundação. E se há outro, como o senhor... outro mutante?

– O planejamento é muito cuidadoso, muito a longo prazo. Um único homem teria mais pressa. Não, é um mundo, e você será minha arma contra ele.

Os olhos de Channis brilharam quando ele disse:

– Estou encantado com a oportunidade.

Mas o Mulo deteve a súbita erupção emocional. Disse:

– Sim, aparentemente lhe ocorre que você irá realizar um serviço fantástico, merecedor de uma recompensa fantástica... talvez, até mesmo, ser o meu sucessor. É possível. Mas há punições fantásticas, também, você sabe. Minha ginástica emocional não está confinada somente à criação de lealdade.

E o pequeno sorriso em seus lábios finos tornou-se sinistro, enquanto Channis saltava da poltrona, horrorizado.

Apenas por um instante, só um rápido instante, Channis sentiu a ferroada de uma aflição incrível abatendo-se sobre ele, acompanhada de uma dor física que obscurecera sua mente de forma insuportável, desaparecendo em seguida. Agora, nada restava a não ser uma forte onda de raiva.

O Mulo disse:

– Raiva não servirá de nada... sim, você está tentando escondê-la, não? Mas eu consigo ver. Então, lembre-se... *esse* tipo de coisa pode se tornar mais intenso, e permanente. Já matei homens por meio do controle emocional, e não há morte mais cruel – ele fez uma pausa. – É tudo.

O Mulo estava sozinho novamente. Ele deixou as luzes se apagarem e a parede na sua frente tornou-se transparente de novo. O céu estava escuro e o corpo crescente da Lente Galáctica espalhava seu brilho estrelado pelas profundezas aveludadas do espaço.

Toda aquela confusão de nebulosa era uma massa de estrelas tão numerosas que se fundiam uma à outra e só deixavam uma nuvem de luz.

E tudo aquilo seria dele...

E agora só havia mais uma coisa a fazer, e ele poderia dormir.

Primeiro Interlúdio

O Conselho Executivo da Segunda Fundação estava reunido. Para nós, são apenas vozes. Nenhuma cena exata da reunião e nem a identidade dos presentes são essenciais neste momento.

Nem, estritamente falando, podemos considerar uma reprodução exata de qualquer parte da sessão – a menos que queiramos sacrificar completamente até mesmo o mínimo de compreensibilidade que temos direito de esperar.

Lidamos aqui com psicólogos – e não meros psicólogos. Digamos, em vez disso, que são cientistas com uma orientação psicológica. Isto é, homens cuja concepção fundamental da filosofia científica está apontada para uma direção completamente diferente de todas as direções que conhecemos. A “psicologia” dos cientistas treinados nos axiomas deduzidos a partir dos hábitos observacionais da ciência física tem uma vaga relação com a PSICOLOGIA.

O que é o mesmo que explicar a cor para um cego – sendo eu mesmo tão cego quanto a audiência.

O que estamos dizendo é que as mentes reunidas entendiam perfeitamente o funcionamento umas das outras, não só pela teoria geral mas por uma aplicação específica, por um longo período, dessas teorias a indivíduos particulares. A fala, como nós a conhecemos, era desnecessária. Um fragmento de sentença equivalia quase a uma redundância prolixa. Um gesto, um resmungo, a curva de uma linha facial – mesmo uma pausa significativa – produziam muita informação.

Tomamos a liberdade, assim, de traduzir livremente uma pequena parte da conferência para as combinações de palavras extremamente específicas necessárias para mentes orientadas desde a infância para uma filosofia da ciência física, mesmo correndo o risco de perdermos as nuances mais delicadas. Havia uma “voz” predominante e ela pertence ao indivíduo conhecido simplesmente como Primeiro Orador.

Ele disse:

– Aparentemente, agora está muito claro o que deteve o Mulo em sua primeira investida. Não posso dizer que haja algum crédito para... bem, para a forma como organizamos a situação. Aparentemente, ele quase nos localizou, por meio do fortalecimento artificial do que eles chamam de “psicólogo”

na Primeira Fundação. Esse psicólogo foi morto pouco antes de conseguir comunicar sua descoberta ao Mulo. Os eventos que levaram a essa morte foram completamente fortuitos para todos os cálculos abaixo de Fase Três. Suponho que queira continuar.

A inflexão da voz indicava o Quinto Orador. Ele falou, em tom sombrio:

– É certo que a situação foi mal conduzida. Somos, é claro, altamente vulneráveis a um ataque maciço, principalmente um ataque liderado por um fenômeno mental como é o Mulo. Logo depois que ele ficou famoso em toda a Galáxia com a conquista a Primeira Fundação, seis meses para ser mais exato, já estava em Trantor. Dentro de outro meio ano, ele estaria aqui e as probabilidades estariam absurdamente contra nós... 96,3 mais ou menos 0,05%, para ser exato. Gastamos tempo considerável analisando as forças que o fizeram parar. Sabemos, é claro, o que o impelia em primeiro lugar. As ramificações internas de sua deformidade física e sua singularidade mental são óbvias para todos nós. No entanto, foi só por meio da entrada na Fase Três que pudemos determinar... *depois do fato...* a possibilidade de sua ação anômala na presença de outro ser humano que tivesse uma afeição honesta por ele. E, como tal ação anômala dependeria da presença desse outro ser humano no momento apropriado, nesse aspecto todo o caso foi fortuito. Nossos agentes estão certos de que foi uma mulher que matou o psicólogo do Mulo... uma mulher por quem o Mulo desenvolveu uma confiança sentimental e a quem, portanto, não controlou mentalmente... simplesmente porque ela gostava dele. Desde o evento... e para aqueles que querem os detalhes, um tratamento matemático do assunto foi elaborado na Biblioteca Central... que nos avisou, temos mantido o Mulo distante usando métodos não ortodoxos com os quais arriscamos diariamente todo o esquema da história de Seldon. Isso é tudo.

O Primeiro Orador fez uma pausa breve para permitir que os indivíduos reunidos absorvessem todas as implicações. Ao final, disse:

– A situação é altamente instável. Com o esquema original de Seldon torcido a ponto de se romper... e devo enfatizar que erramos muito em toda a questão, em nossa terrível falta de visão... estamos perante um colapso irreversível do Plano. O tempo está correndo. Acho que só há uma solução... e mesmo essa é arriscada. Devemos permitir que o Mulo nos encontre... em certo sentido.

Outra pausa, na qual ele tomou conhecimento das reações:

– Repito: em certo sentido!